

CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ERIC KLEPTON DE OLIVEIRA BENICIO

**DA ESCRITA QUE RASGA A CARNE AO NÓ BORROMEANO: UMA ANÁLISE
PSICANALÍTICA DOS CONTOS DE CLARICE LISPECTOR**

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2018

ERIC KLEPTON DE OLIVEIRA BENICIO

**DA ESCRITA QUE RASGA A CARNE AO NÓ BORROMEANO: UMA ANÁLISE
PSICANALÍTICA DOS CONTOS DE CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Psicologia, do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito obrigatório para obtenção do título de Graduado em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa.

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2018

DA ESCRITA QUE RASGA A CARNE AO NÓ BORROMEANO: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DOS CONTOS DE CLARICE LISPECTOR

Eric Klepton de Oliveira Benicio¹

Raul Max Lucas da Costa²

RESUMO

Discorrer sobre o saber psicanalítico e literário é está imerso no mundo das possibilidades, em um cenário onde as fantasias são vivenciadas de formas literais, cuja intenção revela uma ambiguidade, um aparecer-em-véu, um dizer pela metade propriamente dito. O presente trabalho tem como finalidade central fazer uma análise psicanalítica a respeito dos contos de Clarice Lispector, cujo enfoque está inclinado na constituição de sua escrita literária enquanto sintoma. Em relação aos objetivos específicos, buscou-se explorar a as trocas de saberes entre psicanálise e literatura, elencar a concepção de Sujeito em psicanálise, examinar a partir dos três registros do nó borromeano em Lacan os contos de Clarice Lispector e expor a íntima relação entre escrita, angústia e psicanálise. Quanto ao método, a pesquisa se delineará em dois momentos, caracterizado como primário e secundário. Em relação ao primário, este está direcionado a uma pesquisa de caráter exploratório, bibliográfico e qualitativo. Visto que para a sua realização foi feito um levantamento de literaturas, sendo lido ao todo 143 bibliografias, encontrados nas plataformas e Periódicos Capes, Lilacs, Pepsic, Revista Psicanálise e Barroco e Scielo. A seleção das 30 literaturas que fundamentaram o presente estudo, foi submetida aos seguintes critérios: artigos e livros publicados nos últimos 5 anos. Em relação ao segundo momento do estudo, consiste na utilização do método de *pesquisa em psicanálise*. Nesta perspectiva, para a análise dos contos Amor e Uma Galinha de Clarice Lispector, privilegiou-se como embasamento teórico os três registros do nó borromeano explanados por Jacques Lacan, a saber, Real, Simbólico e Imaginário (RSI), angústia, gozo, sintoma/verdade. Verificou-se a partir da análise dos contos, em especial, quanto ao desenvolvimento da psicanálise e do saber literário que ambas apesar de discursos isolados contribuem para uma maior compreensão do sujeito. Pensar a relação entre psicanálise e a literatura, é adentrar na perspectiva de apreensão das lacunas expressas em ambos as preleções, a exemplo dos contos. A escrita de Lispector à medida que rasga a carne, proporciona ao sujeito uma espécie de prazer parcial que o permite ir além da palavra. É uma escrita que toca o Real, que favorece uma experiência do despertar de sentido, do traumático que não cessa de se escrever.

Palavras-chave: Psicanálise; escrita; Clarice Lispector; contos; nó borromeano em Lacan.

ABSTRACT

Discuss the psychoanalytic and literary knowledge is being immersed in the world of possibilities, in a scenario where fantasies are experienced in ways literals, whose intention reveals an ambiguity, a appear in veil, a say by half itself. The present work has as its central purpose make a psychoanalytic analysis about the tales of Clarice Lispector, whose focus is tilted in the constitution of your writing while literary symptom. In relation to the specific objectives, we sought to explore the exchanges of knowledge between psychoanalysis and literature, list the conception of subject in psychoanalysis, examine the effect of the three records of borromeano node in Lacan the tales of Clarice Lispector and expose the intimate relationship between writing, anguish and psychoanalysis. As to the method, the research will

¹ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio/ericklepton196@gmail.com

² Docente e orientador do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio/raulmax@leaosampaio.edu.br

outline in two moments, characterized as primary and secondary. In relation to primary, this is directed to an exploratory research, bibliographic and qualitative. As for its implementation was done a survey of literature, being read by all 143 bibliographies, found on the platforms and Periódicos Capes, Lilacs, Pepsic, Journal of psychoanalysis and Baroque and Scielo. The selection of 30 literatures which motivated the present study, was subjected to the following criteria: articles and books published in the last 5 years. In this perspective, for the analysis of tales of love and a hen of Clarice Lispector, favored as a theoretical foundation the three records of borromeano node flatted by Jacques Lacan, namely, Real, symbolic and imaginary (RSI), anguish, joy, symptom/truth. It appeared from the analysis of tales, in particular, regarding the development of psychoanalysis and literary knowledge that both despite isolated discourses contribute to a greater understanding of the subject. Thinking the relation between psychoanalysis and literature, is entering the prospect of seizure of gaps expressed in both the lectures, the example of tales. The writing of lispector as tears the flesh, gives the subject a kind of pleasure work that allows you to go beyond the word. It is a writing that touches the Real, which favors an experience of the awakening of the sense, the traumatic than does not cease to write.

Keywords: Psychoanalysis; writing; Clarice Lispector; tales; borromeano node in Lacan.

1 INTRODUÇÃO

A princípio, discorrer sobre o saber psicanalítico e literário é está imerso no mundo das possibilidades, em um cenário onde as fantasias são vivenciadas de formas literais, cuja intenção revela uma ambiguidade, um aparecer-em-véu, um dizer pela metade propriamente dito. Escrever é dizer alguma coisa sobre o que não se quer dizer. É caminhar pelas trincheiras de si mesmo, almejando escutar os silêncios que ainda murmuram.

Isto Freud sabia muito bem, a exemplo da escuta que fez em relação ao conteúdo exposto pela históricas em sua clínica, visto que *a posteriori* representou um saber fundamental para com o processo de construção da psicanálise. De tal modo, o saber psicanalítico nada mais é que a experiência do despertar de sentido, uma vivência no tocante ao próprio inconsciente, ao real, isto é, ao traumático.

A elucidação deste, a saber, o traumático, faz lembrar o estilo da romancista, jornalista, cronista e contista, Haia Lispector, conhecida, posteriormente, como Clarice Lispector, cujo nascimento decorreu no dia 10 de dezembro de 1920, em Chechelnyk, na Ucrânia e morte no dia 9 de dezembro de 1977, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, aos 56 anos de idade. A sua família era formada por Pedro, seu pai, e Mania, sua mãe, bem como Lea e Tania, suas irmãs, visto isso, Lispector apesar de nascida na Ucrânia, sua nacionalidade era brasileira (FERREIRA, 1999).

Autora de diversas obras, pode-se observar em sua escrita um caráter ontológico, cuja tentativa de expressão permeava a suspensão de si para imergir nos nada que a palavra ausente proporcionava. Isto, a permitia ir de encontro à desconstrução do que fora imposto pelo social,

ao que estava pronto, a fazer ruir os lugares simbólicos já dados. Nota-se, portanto, sobretudo, quantos aos contos, elementos exacerbados, rupturas que revelavam a verdadeira angústia do não-saber, ou melhor, do saber sobre si, alguma coisa.

Nesta perspectiva, o estudo parte da seguinte premissa: é possível através do saber psicanalítico compreender a experiência da escrita literária enquanto sintoma?

O presente trabalho tem como finalidade central fazer uma análise psicanalítica a respeito dos contos de Clarice Lispector, cujo enfoque está inclinado na constituição de sua escrita literária enquanto sintoma. Em relação aos objetivos específicos, buscou-se explorar as trocas de saberes entre psicanálise e literatura, elencar a concepção de Sujeito em psicanálise, examinar a partir dos três registros do nó borromeano em Lacan os contos de Clarice Lispector e expor a íntima relação entre escrita, angústia e psicanálise.

2 MÉTODO

A pesquisa se delineará em dois momentos, caracterizado como primário e secundário. Em relação ao primário, este está direcionado a uma pesquisa de caráter exploratório, bibliográfico e qualitativo. Visto que para a sua realização foi feito um levantamento de literaturas, sendo lido ao todo 143 bibliografias, encontradas nas plataformas e Periódicos Capes, Lilacs, Pepsic, Revista Psicanálise e Barroco e Scielo.

A seleção das 30 literaturas que fundamentaram o presente estudo, foi submetida aos seguintes critérios: artigos e livros publicados nos últimos 5 anos, exceto alguns devido o teor de importância pertinente a sua fundamentação teórica que repercute até os dias atuais, bem como a utilização dos descritores; psicanálise e literatura, escrita e angústia em psicanálise, Real e psicanálise, poesia e angústia em psicanálise, o Real em Lacan, escrita e Real em psicanálise.

Quanto a pesquisa bibliográfica, Ludwig (2009), elucida que esta consiste em um procedimento de levantamento de informações por meios de obras, documentos e revistas. Tal método permite ao pesquisador indagar sobre variados contextos, assim como serve de embasamento para a fundamentação de concepções, portanto, pode-se considerá-la como uma ação de averiguação, análise e explanação de alicerces teóricas já existentes.

Referente ao caráter exploratório da pesquisa, Gil (2010), a coloca como elemento de análise das bibliografias, cujo finalidade é averiguar se o material bibliográfico escolhido possui importância para a investigação que se propõe. Já a investigação qualitativa, incide no desenvolvimento de análises e explicações rigorosas sobre determinada temática, a fim de melhor abarcar o objeto de estudo de modo mais consistente (MARCONI; LAKATOS, 2011)

Em relação ao segundo momento do estudo, consiste na utilização do método de *pesquisa em psicanálise*, elucidado por Figueiredo e Minerbo (2006), como uma série de ações inclinadas na produção de saber cujas relações com a perspectiva psicanalítica podem ser erigidas de maneira distintas da usada no contexto clínico, isto é, não necessitando ser um analista atuante. Nesta perspectiva, para a análise dos contos *Amor e Uma Galinha* de Clarice Lispector, privilegiou-se como embasamento teórico os três registros do nó borromeano explanados por Jacques Lacan, a saber, Real, Simbólico e Imaginário (RSI), angústia, gozo, sintoma/verdade.

3 UM DIÁLOGO TRANSVERSAL ENTRE PSICANÁLISE E LITERATURA

3.1 O SUJEITO EM PSICANÁLISE

De acordo com o Dicionário de Psicanálise organizado por Roudinesco e Plon (1998), compreende-se essencialmente por psicanálise como um método de investigação de processos conscientes e inconscientes, visto que se utiliza como principal técnica a associação livre. Tal método de análise criado por Sigmund Freud, permite avaliar as elaborações psíquicas realizadas pelo sujeito, a exemplo de chistes, atos falhos, sonhos, delírios, fantasias, dentre outros.

O entendimento quanto ao desenvolvimento do saber psicanalítico perpassa várias vertentes, sobretudo no que diz respeito a inversão da lógica cartesiana representada pelo “penso, logo existo” e reformulada por Lacan igualmente como sou também onde não penso. Garcia-Roza (2009), parte da seguinte premissa: onde há de situar-se o saber psicanalítico? Posteriormente responde que em nenhum lugar definido, isto é, o conhecimento psicanalítico emerge, neste momento, como uma ruptura epistemológica responsável por realizar uma cisão no campo da subjetividade, descentralizando, por sua vez, a hegemonia do saber cuja primazia estava na consciência. Deste modo, a ruptura finda constituindo dois binômios: o que é do consciente e do inconsciente.

Em segunda instância, pode-se perceber que no surgimento pertinente ao movimento psicanalítico, Charcot exerceu forte influência, visto que os seus estudos relacionados a histeria despertaram em Freud um interesse singular. Nesta perspectiva, Charcot observou que as crises histéricas ou sintomas histéricos não estavam vinculados a lesões de caráter neurológico. O oportunismo do futuro psicanalista, Freud, o fez constituir através das doenças nervosas a sua etiologia sexual das neuroses. Foi a partir da prática clínica realizada durante anos que Freud elucidou que os sintomas histéricos possuíam uma base de cunho sexual, concluindo, mais

tarde, que o questionamento referente ao sou ou homem ou mulher o apontaria para a descoberta de que não havia inscrição da distinção sexual no inconsciente (JORGE; FERREIRA, 2010).

Atrelado a isso, é mister elucidar igualmente a importância da utilização da hipnose nas históricas pelo Charcot, compreendendo, portanto, que o processo de sugestibilidade se, por um lado, proporcionava a reprodução dos sintomas histéricos e uma cura temporária, de outro, Sigmund Freud percebeu em sua prática clínica que tal método possuía suas limitações, sobretudo quanto as vivências relatadas e não lembradas pelos analisandos. Em consequência, isto fez que com que Freud abandonasse o método da hipnose e criasse a associação livre, que consiste em permitir que o sujeito discursasse de forma livre o que vier à cabeça (GARCIA-ROZA, 2009).

Neste intuito, a verdade do sujeito aqui elucidada faz lembrar uma frase célebre cunhada por Lacan "o sujeito sobre o qual operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência" (MILNER, 1996, p.28), isto é, tal premissa pode ser vista por três colocações: a primeira, representada a partir da visão de que o sujeito na psicanálise não se refere a um eu; a segunda, que existe um sujeito do campo da ciência e; terceiro, que ambos os sujeitos constituem-se como um. Portanto, o que se quer enfatizar, neste momento, é que o sujeito para a psicanálise e ciência apesar de iguais, a distinção diz respeito ao modo que cada campo do saber opera esse sujeito. Se na ciência o manejo do sujeito se dar na pessoa humana, em controvérsia, em termos psicanalíticos, este (sujeito) é compreendido a partir de sua dimensão de desejo e gozo.

O inconsciente é um dos conceitos mais importantes da psicanálise, senão, o mais, e é sobre ele que se debruça todo o desenrolar da prática psicanalítica e o curso da análise, visto que esse, segundo Lacan, é constituído por significantes e significados, onde para ele o significante possui uma importância significativa sob o significado. Vale ressaltar também, que o significado é resultado da cadeia estabelecida entre os significantes. Partindo do ponto de vista psicanalítico o inconsciente é estruturado justamente por significantes (ELIA, 2012). Compreende-se por significante, como uma significação sem sentido, isto é, uma significação representada a partir de outra significação, ao passo que o significado representa aquilo que está além da 'barra', cujo conteúdo revela-se tão somente em ínfimos momentos, denominados de formações do inconsciente, a exemplo de chistes, atos falhos, sonhos, dentre outros (SANTOS, 2009).

A constituição do sujeito incide em uma visão que trata não do desenvolvimento do indivíduo, mas do sujeito que é constituído através da linguagem, eminentemente no campo simbólico. Anteriormente ao nascimento do bebê, o sujeito precisa ser objeto de desejo do Outro para depois desejar. Para a Psicanálise, para que ocorra a constituição do sujeito, o ser humano

necessariamente tem a vicissitude obrigatória de ser inserido em uma ordem social a partir da família ou de substitutos sociais e jurídicos (DOR, 1991).

Nesse sentido, antes de se tornar um sujeito, nasce em um campo estruturado e ordenado, em que a sociedade e a família já o esperam, havendo um amplo conjunto de demandas, desejos, expectativas e desígnios dirigidas a aquele que vai nascer. Quando o ser humano nasce, possui necessidades biológicas básicas de sobrevivência, todavia, nunca experimentamos de maneira direta essas necessidades, mas com a mediação da linguagem (DOR, 1991).

Precisando que sejamos submetidos aos cuidados de alguém da mesma espécie, que também é responsável por além de transmitir os valores socioculturais, ser o esqueleto material e simbólico, encarnando a linguagem, o Outro primordial. As necessidades são intermediadas e modificadas pela linguagem, onde a pulsão incide no efeito da linguagem sobre o instinto, ou seja, sobre o orgânico (JORGE, 2009).

Dessa forma, a criança passa a querer a coisa trazida e aquele que a trouxe. Assim, dirige pedidos e apelos a esse Outro primordial, em uma relação de alienação ao desejo do Outro. Então, se como um animal mamífero, a criança visa o leite, ela recebe esse alimento de alguém que o introduz no campo da linguagem. Essa relação faz com que o bebê passe a não visar apenas o leite, mas está entusiasmada em querer a presença daquele ser que lhe trouxe o objeto, ou seja, a criança passa a querer além do objeto trazido, também aquele que o trouxe. Assim, ocorre a alienação ao Outro primordial, ao desejo do outro e a função materna, onde nada falta (JORGE, 2010).

Logo, a teoria lacaniana emerge com o conceito de demanda, estando ela entre a necessidade e o desejo. A demanda possui uma mentira estrutural, a de que a satisfação pode ser total e plena, enquanto que o desejo surge como marca da impossibilidade da satisfação e a barra ao sujeito, por meio da separação entre função materna e criança, no processo de castração. Nesse sentido, a lei faz barreira ao gozo, interligando-se ao desejo (DOR, 2001).

Não é o desejo tal como é entendido pela biologia e como é proposta pela filosofia natural, não o desejo como satisfação de uma necessidade, mas um desejo desnaturalizado e lançado na ordem simbólica. Esse desejo só pode ser pensado na sua relação com o desejo do outro e aquilo para o qual ele aponta não é o objeto empiricamente considerado, mas uma falta. De objeto em objeto, o desejo desliza como que numa série interminável, numa satisfação sempre adiada e nunca atingida (JORGE, 2008).

Assim, o Complexo de Édipo e a castração propiciada pela função paterna, ocorre à instauração da lei e da ordem, onde emerge um sujeito cindido e barrado. O que a criança

percebe como atributo possuído por alguns e ausente em outros não é o pênis, mas sua representação psíquica, seja sob a forma imaginária ou sobre a forma simbólica, existindo assim um falo imaginário e um falo simbólico. O primeiro se relaciona a representação psíquica inconsciente da forma imaginária do pênis, enquanto que no aspecto simbólico o falo é um objeto permutável e o significante da lei (JORGE, 2008).

Destarte, a castração do ponto de vista lacaniano, não se configura apenas pela ameaça provocadora da angústia do menino, nem pela constatação de uma falta na origem da inveja do pênis na menina. A mãe coloca o filho como falo imaginário, e esse, identifica-se com esse lugar para preencher o desejo materno. O desejo da mãe, tal como o de toda mulher, é o de ter o falo, e a criança se aloja na parte faltosa do desejo insatisfeito do Outro primordial. Através disso, a castração se refere a separação entre mãe e criança, sendo o corte produzido por um ato que cinde e dissocia o vínculo imaginário e narcísico entre a mãe e o filho (DOR, 2001).

Portanto, se estabelece uma relação imaginária entre uma mãe que acredita ter o falo e o filho que acredita sê-lo. O ato de castração incide não exclusivamente sobre a criança, como anunciava o pensamento freudiano, mas sobre o vínculo mãe-filho. O agente dessa operação de corte opera sobre o lugar de função paterna, que representa a lei de proibição do incesto. A interdição paterna que encarna a lei simbólica consome uma castração dupla: castrar o Outro materno de ter o falo e castrar a criança de ser o falo (DOR, 1991).

3.2 PSICANÁLISE E A LITERATURA

No percurso do desenvolvimento da psicanálise, muitos dos analistas atentaram-se a erigir uma intersecção entre a literatura e o próprio saber analítico, especialmente, a figura do Sigmund Freud. O fundador da psicanálise acreditava que existia uma significativa relação entre a produção criativa dos escritores com o brincar da criança, assegurando que assim como o poeta escreve e investe expressiva emoção, a criança também o realiza somente brincando, podendo ser visualizado nesse processo investimentos que permeiam dois campos: a realidade e a fantasia (FREUD, 1908[1907]/1996).

É notório que o vínculo existente entre o infantil e o inconsciente está permeada pela noção de estruturação singular, apesar do desenvolvimento ser regido por leis. Dessa forma, a experiência singular de cada sujeito é determinante no processo de amarração no tocante a cadeia significante e constituição do sintoma do sujeito, visto que o infantil além de estar entrelaçado a maneira que o recalque realizou o desejo, considera-se igualmente que este último (desejo) e a impossibilidade conduz o sujeito a elaborar novas formas de satisfazer-se ou gozar frente ao próprio sintoma (BARBOSA, 2003).

Neste viés, a complexidade das análises de Freud, ou melhor, a sua curiosidade em relação a capacidade encantadora dos poetas em possibilitar através da palavra o retorno ou experimentação de sentimentos estranhos e familiares de forma simultânea, o fez apontar para um ponto fundamental e até mesmo enigmático, que é o não saber igualmente do poeta frente aos seus escritos. Os questionamentos o levaram acreditar que o processo criativo está aliado a um mecanismo, cujas intenções dar-se de forma latente, como um expressar sem dizer o que se quer dizer, isto é, uma palavra dita pela metade (FREUD, 1908[1907]/1996).

Em seu texto a *Literatura e Psicanálise: de uma relação que não fosse de aplicação*, Trocoli e Aires (2012), elucidam uma tentativa de Freud de sistematizar como o vínculo entre o saber psicanalítico e a literatura se atravessam, sendo a primeira atribuída a importância que a própria literatura tem quanto ao desenvolvimento teórico da psicanálise e, a segunda, inclinada a aplicabilidade desta última no que diz respeito à vida e as criações dos autores.

Observa Trocoli e Aires (2012), que a aplicabilidade dessa, a literatura se em instância primeira busca a análise e seu embasamento, caracterizando-a como campo de investigação, por conseguinte, como aponta Villari (2000), também evoca as suas possibilidades e impossibilidades, visto que o convite à leitura do texto literário representa uma tentativa de preencher as lacunas que com a análise não podem ser destrinchadas, justamente devido ao seu caráter de inatingibilidade, assim, servindo como elemento de complementariedade, no processo de construção da teoria psicanalítica.

3.2.1 Escrita, angústia e psicanálise

A psicanálise é constituída enquanto práxis fundada pela linguagem. Com isso, ao construir frases e elencar palavras, há um modo de organização da linguagem que diz respeito ao inconsciente e seu engajamento através do sintoma, promovendo a sustentação do real. Assim, bem como postula a teoria lacaniana, historicamente, a escrita vem penetrando o real, considerando que o inconsciente é um efeito da linguagem e faz furos no registro do mesmo. Desse modo, enquanto o dizer ancora-se na palavra, fruto de uma dimensão imaginária, uma vez que a fala tem por intuito a significação, o escrito dispensa tal dimensão, uma vez que não dispõe de exigências para um cunho compreensivo como apontado pela escrita poética (RINALDI, 2006).

Consonante a isso, Silva (2017), pontua que a angústia na escrita psicanalítica se revela quando vislumbrado que na escrita há uma perda, uma separação do que foi produzido. Nisto, acrescenta que a escrita se entrelaça com a triangulação edipiana, evocando fantasias e culminando na égide do desejo e da falta:

Acredito que as várias etapas da escrita estabelecem um diálogo com o triângulo edípico e evocam fantasias e ansiedades a ele associadas. Num primeiro momento há um diálogo com os objetos primários para acolher, ou não, as ideias imaginárias ou o impulso criativo. Depois há um diálogo com um público imaginário, que é a contraparte do objeto parental interno que ele ansiou impressionar ou convencer. Esse espectador não participante é o terceiro (o outro) membro do triângulo edípico, um trio que inclui self, objeto e o outro (SILVA, 2017, p. 60)

Rinaldi (2006), destaca que a ênfase dada à escrita advém de buscar a redução do imaginário na transmissão do saber psicanalítico. Remonta-se ao caráter estrutural da cifra mais simplória, que demarca a constituição do sujeito em sua singularidade. Deste modo, inscrevendo uma diferença em sua estrutura psíquica e, possibilitando sua identificação com o campo simbólico, trazendo-lhe a memória o gozo perdido, responsável por inaugurar o processo de repetição da dinâmica inconsciente de busca pelo objeto de amor.

À guisa de entendimento, explicita-se a diferença entre escrita e escritura. Em relação a segunda, a saber, escritura, postula Karlen (2007, p.106), que esta refere-se ao próprio ‘desfraldar da letra’, isto é, a escrita “é o que Freud estabelece como signo perceptivo (*wahrnehmungszeichen*), utiliza o termo alemão *Niederschift*, porque seu significado é o de inscrição (no lugar da palavra *Pragung*, devido a que esta pressupõe impressão)”. Logo, a escritura representa nada mais que uma leitura pertinente ao efeito da linguagem.

Godoy (2007, p.148), complementa que, a escritura permeia o campo que excede a noção textual, no qual pode ser explicitada a partir da demarcação da letra, simbolizado como uma experiência que lança o sujeito a um contato referente a própria condição primeira do sujeito, que é a experiência entorno do “buraco inaugural do sujeito”.

De acordo com Lacet (2003), o papel da letra é instaurar, isto é, refere-se à instauração do inconsciente, do registro simbólico, dos significantes, assim como engendra o surgimento do sujeito cindido. A clivagem do sujeito por meio da castração se faz, sobretudo, na forma de letra, sendo o esvaziamento de sentido dessa, um ponto imprescindível para o apagamento de sobras imaginárias do real e o deslocamento para o registro simbólico. De tal modo, a escrita circula entre os três registros (Real, Simbólico e Imaginário).

Nesse sentido, o inconsciente se revela no alfabeto, isto é, a partir da escrita. Desse modo, o saber inconsciente transforma a escrita em significantes, cifrando marcas apagadas e em ruínas, marcas fincadas sobre as reminiscências que são construídas e destruídas incansavelmente. Assim, cabendo ao Sujeito Suposto Saber o processo de decifração, enquanto o inconsciente se ocupa das cifras, de inventar e reinventar-se. Imagens, figuras e palavras podem se instaurar como significantes e funcionar como estrutura escrita, ou seja, organizando-se sobre o registro simbólico e sendo passível de leitura como descrito acima, ao serem

esvaziados de sentido e de um caráter interpretativo para se configura enquanto função representativa. Matar a égide do imagético como representação da realidade é a principal finalidade da escrita (LACET, 2003).

Em pormenores, pode-se compreender o conceito de letra em Lacan, como aquilo que “aponta para a própria história do alfabeto, dos manuscritos, dos copistas, das escrituras antigas, do que já estava antes de ser, para algo que se situa além do Simbólico em relação ao Real, litorâneo entre dois elementos heteróclitos” (OLIVEIRA, 2005, p.66). A partir disso, visualiza-se uma distinção significativa pertinente ao significante e a letra, sendo, o primeiro, respectivamente, consistindo no significante que finda por representar um sujeito no que diz respeito a outro significante e, o segundo, vincula-se ao que já existe, no entanto, impossível de ser representado “ao que não cessa de se escrever, e é da ordem do escrito”.

De acordo com Mandil (1997, p.108), a diferenciação de ambas, em especial, a partir do desenvolvimento da própria noção de significante nas obras de Lacan, elucida-se na definição da letra como espécie de escrita que não pode ser representada, cuja funcionalidade finda por cumprir uma espécie de suplência. Portanto, a dimensão da letra enquanto escrita excede a noção estrutural fonemática da cadeia significante, isto é, atua como uma ruptura frente ao campo do simbólico, localizada no litoral, no qual configura-se em sua duplicidade, visto que ora rompe ora conjuga, assim, a letra “pode revelar sua face de puro objeto e de um gozo envolvido a partir desta ruptura com os compromissos do simbólico”.

Em pormenores, pensar a escrita em psicanálise é exceder a lógica do senso comum e adentrar em um caráter mais profundo. A partir disso, Freud (1900/1996), em a *Interpretação do Sonhos*, elucidava que o próprio processo onírico representava uma espécie de escrita em imagens análoga a hieroglífica egípcia, contendo seus elementos específicos, em especial, quanto a sua elaboração, visto que as imagens visualizadas pelo sujeito possuem um significado distinto do apresentado.

Compreende-se então que a palavra segundo Freud (1923/1990), ultrapassa a perspectiva de restos visuais, findando por recair igualmente em sua dimensão acústica. Logo, a palavra caracteriza-se por meio de resquícios mnemônicos de verbos escutados.

Por conseguinte, a escrita aponta para um caminho duplo, uma vez que se configura enquanto meio para o recalçamento e possibilidade de revelação inconsciente. Sartore (2006), sublinha que a escrita representa o depoimento de um sujeito, transpassando um limiar perigoso, pois há uma implicação do corpo com as trincheiras interligadas a aproximação do sintoma. Logo, para o pensamento lacaniano, a relação entre psicanálise-escrita-angústia se remete a

aparição da angústia devido a beirar o desejo e ao movimento insuportável de avizinhação com o gozo.

Pontua, Sartore (2007, p.67), que a vivência de angústia na qual o sujeito experimenta está atrelado ao fato da falha na imagem do eu, visto que “reitera-se que o perigo de escrever está na representação do próprio corpo que a escrita arrisca de desvelar”. Nesta medida, tomando como exemplo o caso do pequeno Hans, nota-se que a inibição encontrada neste é efeito da tentativa de evitação frente a produção do sintoma de angústia. Sintoma este representado como uma espécie de conflito psíquico, cujo intuito visa a satisfação pulsional, assim, o sintoma nada mais é que uma solução que o inconsciente/sujeito encontra para gozar do próprio desejo.

Ainda em Sartore (2007), a angústia emerge no sujeito como forma resolutiva frente ao pavor da castração, visto que, pensando a partir de Lacan, ela deve ser compreendida como algo que excede o próprio significado, e que não simboliza a si mesma, pois o seu surgimento é em consequência da proximidade referente a efetivação do desejo. Dessa forma, para Lacan, a experiência da angústia e escrita não está atrelada a um processo psicopatológico, pelo contrário, representa parte fundamental da própria dimensão constitutiva do sujeito. Nesse caso, a escrita aponta para o limiar, para hiância, para algo que está entre o não existir e vir a existir, no qual finda por dar suporte ao movimento da cadeia significante, conseqüentemente, permitindo ao mesmo deparar-se com o saber antes não sabido. Aqui, a angústia se enlaça e concretiza-se com a escrita à medida que efetiva-se o desejo.

3.2.2 Real, Simbólico, Imaginário e escrita

De acordo com Clavurier (2013), o paradigma postulado nos anos iniciais na década de 70 do século passado por Lacan, se equiparado ao desenvolvimento das tópicas freudianas, ambas produzem um impacto significativo quanto a constituição do saber psicanalítico. Foi a partir dos anos de 1973 que Lacan passou a considerar os três registros, a saber, Real, Simbólico e Imaginário em uma perspectiva de nó borromeano, embora já o tenha introduzido na decorrência de uma conferência cujo título se denominava *O simbólico, o imaginário, o real* em 1953.

Nesta época, a ênfase dada por Lacan quanto aos três registros ainda isento de seu caráter do nó borromeano, estava direcionada a primazia do Simbólico pertinente aos outros, acreditando que este primeiro, respectivamente, proporcionava o potencial e as limitações da experiência psicanalítica. Assim, o desenvolvimento da teoria lacaniana, nesse período,

inclinava-se em explicitar a lógica estrutural e de funcionamento dos significantes (JORGE, 2008).

No entanto, Jorge (2008, p.98), foi somente entre os anos de 1974-1975 que a perspectiva lacaniana passou a dar maior ênfase ao registro do Real como elemento fundante e ordenador da estrutura do nó borromeo (ver figura 1 abaixo). Portanto, sendo representado por meio do esquema “ $R \rightarrow S \rightarrow I \rightarrow R \rightarrow S \rightarrow I \rightarrow R \rightarrow S \rightarrow I \rightarrow \dots$ ”, isto é, por meio do Real que “presentifica-se o simbólico; a partir do simbólico, presentifica-se o imaginário. Mas a partir do imaginário também se presentifica o real: repare-se, quanto a isso, que de 1953 a 1974-75 a ordem das letras se alterou, mas não sua posição na seqüência da continuidade dos registros”.

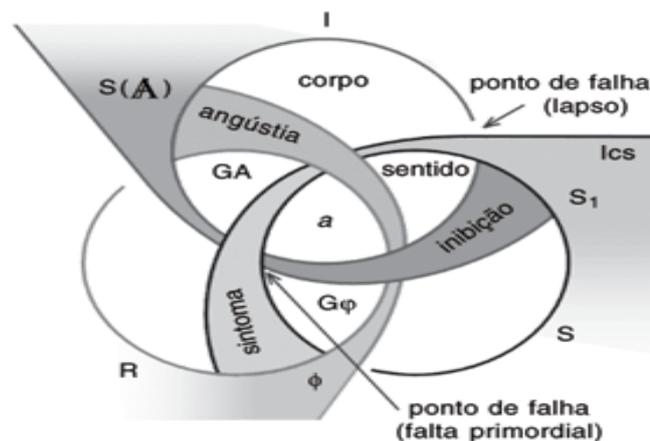


Figura 1. nó borromeo na perspectiva lacaniana

Clavurier (2013), elucida no que diz respeito a semântica da palavra registro, cuja etimologia em latim é representada em *regere* que quer dizer como tirar ou puxar, e tessitura significando em latim *tesser*, tecer e em italiano *tessitura*, simbolizando trama. Nesta medida, a aproximação semântica entre ambas as palavras finda por proporcionar um sentido de amarração do nó, ou melhor, da constituição de um laço estruturado. O que adentra na discussão da própria tentativa, em 1953, de consolidação do viés estrutural dos registros e, posteriormente reformulado por Lacan em 1973, fazendo, dessa forma, ressurgir um saber da língua (*la langue*) já dissolvido nas primeiras postulações.

Segundo Jorge (2008), é de suma relevância entender que a reformulação realizada por Lacan, a saber, pertinente ao S I R para RSI, o permitiu evidenciar de forma mais significativa o registro Simbólico, visto que o mesmo se passou a localizar-se dentre o Real e o Imaginário. Nota-se, portanto, que ao situá-lo no centro, ver-se o sujeito em duas vertentes: sendo o mesmo realçado enquanto falante engendrado pelo Simbólico e como mediatizador referente tanto ao Real como o Imaginário, representando, deste modo, o lugar do sujeito frente aos significantes,

a exemplo da cabeça de Janus, cuja direção aponta para ambos lados distintos (Ver esquema abaixo)

\$

$R \leftarrow S \rightarrow I$

O simbólico é essencialmente bífido, bipartido e sua figuração mais lídima é a cabeça do deus romano bifrontino Janus, possuidora de duas faces opostas, cada uma delas representando um lado de um par de opostos [...] Representação imagética freqüente igualmente na Grécia antiga, da dualidade sintetizada na unidade e da unidade dividida, Janus é, sem dúvida, o melhor representante do sujeito do inconsciente que, embora representado *entre* os significantes, é, no fundo, avesso a toda e qualquer possibilidade de representação, e, nesse sentido, se identifica com o objeto “negativo” causa do desejo: o sujeito é esse *entre* (JORGE, 2008, p.99).

Em relação ao Simbólico e o Real, introduz Fink (1998), que para erigir qualquer pensamento que seja é necessário estar imerso no campo da cultura, isto é, do Simbólico. A elucidação pertinente ao Real proposto por Lacan, se desenvolve em um ir além da palavra, ou melhor, numa perspectiva anterior a linguagem, em um viés pré-línguista, pré-palavra. Deste modo, o Real representaria aquilo que escapa, aquilo que não pode ser representado no campo do simbólico, pertinente, ao traumático, um tecido integral sem rasuras, sem rastros, sem sulcos, sem fissuras ou divisões. A exemplo disso, seria o corpo do bebê precedido da linguagem, um corpo isento de influências da cultura, no entanto, de forma gradual, este mesmo vai sendo riscado, escrito, pelos significantes de outrem, visto que à medida que isto decorre a criança passa a ter maior controle sobre suas zonas erógenas.

Nisto, se em primeiro momento o Real tem consistido em um tecido sem rasuras, íntegro, incindido, de outro, é a dimensão simbólica que faz um furo, que o rasga, que corta o mesmo, anulando-o, conseqüentemente, fazendo o indivíduo tornar-se sujeito faltoso, castrado. O que igualmente permite este último a criar uma realidade embasada a partir da linguagem, dos pressupostos disseminados na cultura que está inserido. Por meio disso, pode-se configurar uma distinção essencial entre a realidade e o Real, sendo, o primeiro, respectivamente, referido ao campo do simbólico e o segundo, como um tempo anterior a linguagem ou como postulado por Fink (1998, p.44), aquilo que “resta ser simbolizado, ou até resiste à simbolização”.

Pertinente ao Imaginário, Jorge (2008, p.94), assegura que este está inclinado à descrição dos “ciclos instintuais dos animais, nos quais pode-se ver ocorrer um certo número de deslocamentos, que significam um esboço de comportamento simbólico”. Para tanto, à guisa de compreensão, Lacan (1949/1998), explicita a partir da teoria do espelho que a constituição da percepção integrada da imagem da criança é resultante do processo de identificação do *imago*

do próprio corpo frente ao espelho. Assim, é através desta identificação que a estruturação do 'Eu' decorre. Nota-se ainda que apesar do reconhecimento e da imagem integrada do próprio corpo, esta imagem especular é dissonante do corpo real e de sua imagem, conseqüentemente, revelando uma alienação no tocante ao campo do imaginário.

Quanto ao nó borromeano (ver figura 1), observa-se a inserção das modalidades de gozo pertinente ao RSI, visto que a sua intrusão diferencia-se à medida que adentra em um dos registros descritos por Lacan. Na figura 1, percebe-se que a intrusão do Imaginário no campo do simbólico acarreta na Inibição; ao passo que a intrusão no campo do Simbólico no Real, situa o sintoma e, por fim, a intromissão do Real quanto ao campo do Imaginário, ver-se a angústia (CAPANEMA; VORCANO, 2017).

Nesta medida, Capanema e Vorcano (2017, p.396), explicitam que o nó borromeano, as modalidades de gozo realizadas pelo sujeito, dar-se a partir da localização de ex-sistência situadas dentre os registros Real, Simbólico e Imaginário, visto que “entre Imaginário e Simbólico, inscreve-se a função do sentido; entre Simbólico e Real, a função do gozo fálico; e entre Real e Imaginário, a função do gozo do Outro”. Para tanto, no centro se visualizar o objeto *a*, cuja função demarca a condição de ser faltoso do sujeito, isto é, representa o lugar onde a falta escreve-se. Em suma, o nó borromeano simboliza uma espécie de escrita vinculada as modalidades de gozo, no qual tem como função segunda, a contagem resíduos inscritos.

Em síntese, complementa Jorge (2008), a respeito dos três registros RSI que as postulações de Lacan apontam para a impossibilidade de entender estes últimos de forma separadas, visto que à medida que ao fazê-lo o nó borromeano dissolve-se de maneira simultânea.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a presente análise foi selecionado os contos Amor e Uma Galinha de Clarice Lispector, visto que se privilegiou como embasamento teórico os três registros do nó borromeano explanados por Jacques Lacan, a saber, Real (não-sentido), Simbólico (duplo sentido) e Imaginário (sentido) - RSI, bem como os conceitos de angústia, gozo, sintoma/verdade.

4.1 CONTOS

4.1.1 Amor

A priori, detém-se ao significante amor expresso no título do conto na intenção de dar margem, por conseguinte, a experiência do despertar propriamente dito da personagem Ana. Nisto, amar inclina-se na perspectiva de um lançar-se a um eu-ideal, refere-se a erigir de um *imago* perfeito do próprio sujeito que permite-o amar a si mesmo (LACAN, 1986).

Ora, toca-se aqui, em dois pontos centrais do nó borromeano pertinente a temática do amor, este no sentido imaginário, cujo envolve ao parece ser e o simbólico, representado pelo mais além do que parece ser.

No conto, percebe-se de imediato no início como a narrativa da personagem Ana atravessa o cotidiano, recai em um dizer imerso naquilo que pode ser considerado como natural, como uma experiência já dada, onde tudo encaixa-se de maneira perfeita, sendo que “Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros” (MOSER, 2016, p.86).

E parecia para Ana tudo fazer sentido como se nada a pudesse atingir, o destino estava pronto, mergulhado na imensidão de uma felicidade quase insuportável. Afirmava enfática a certeza de que aquilo que estava vivendo era tudo muito verdadeiro a ponto de acreditar de ter sido constituído para ela um mundo particular.

No entanto, mal sabia que a sua fantasia estava por vir a ruir. As horas vão passando, e adjunto a correria de todas as manhãs, um apaziguamento desta. Aquela calma, o sentimento que experienciara a colocava frente a si mesma, a lançava à lugar estranho, sozinho, solitário. Ascendia em Ana, naquela calma, a experiência do caos, a vivência de um desamparo fundamental/falta enorme que lhe escapava.

Ana nunca gostara de ficar sozinha, sem nada a realizar, sempre a precisar a fazer algo, visto que quando não estava cuidando dos filhos, ou mergulhada nas atividades domésticas, cuidava de seu Jardim Botânico. Tudo era muito perfeito, intocável.

Ao término de cada manhã, onde nada mais tinha a fazer, Ana saía a tarde para comprar alguns alimentos para o jantar. O silêncio da casa lhe penetrava de uma maneira que lhe angustiava. Todas as tardes assim repetiam-se. Estava a fugir de si mesma.

Porém, determinada tarde no metrô, encontrara um cego mastigando chicles, aquela imagem a perturbava, lhe incomodava tanto a ponto de lançá-la para o nada de si mesma, coisa que cotidianamente evitava. O mal já estava realizado.

Estava em choque. Paralisada. Dura. A sua volta tudo parecia ruí, parecia perder o sentido. A vida que levou depois desse tempo todo, esfacelava-se. Estava a viver numa mentira criada por ela mesma, amava Ana a ilusão que criara de si e das coisas ao seu redor.

Era tudo tão dela, tão intacto, tão perfeitamente estúpido que o excesso de lucidez, de sentido, fizera senti com sua perda, uma angústia de um não-sentido.

Aquela imagem ecoava compulsivamente. O cego continuava a mastigar chicles. Espantada, Ana, experimenta-se dividida. Cindida entre o acreditar, o sentido, e, o caos, o não-sentido. (JORGE, 2010). “Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o”. (MOSER, 2016, p.87)

Nada parecia mais real, mas igualmente tudo parecia tão real. Experienciara naquela imagem um ir além do que tudo parecia ser. A vida era insuficiente, ou melhor, aquilo que antes fazia sentido, o era.

Sentia-se confusa. O lugar de nada, de um não-sentido, a permitia perceber uma estranheza, uma angústia demasiada, embora simultaneamente uma paz (FREUD, 1919/1996).

A percepção do “deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir” pode ser elucidada a partir da compulsão à repetição, ao gozo, ou melhor, a Pulsão de Morte (MILLER, 2010). Logo, a compulsão à repetição, caracterizada como um ato de repetição incessante, a fim de reduzir a libido acumulada, além de ser efeito do processo do recalque originário, demonstra a forma como o sujeito lidar com a situação, visto que a incessante reprodução do sintoma revela o mesmo à medida que igualmente o esconde. A angústia, dessa forma, é um modo de digerir aquilo que não pode vir à consciência, isto é, o traumático.

Atrelado a isso, a saber, a Pulsão de Morte, ver-se, o que Ana (MOSER, 2016, p.88), “chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada” e “tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca”

No trecho acima, é notório que apesar da angústia sentida por Ana, existe uma significativa satisfação por parte da mesma, evidenciando um forte encontro consigo mesmo, apesar das limitações estruturais impostas a não efetivação do desejo, desejo este sempre imerso na impossibilidade de concretização, e porque não dizer uma experiência de prazer, de gozo. Se por um lado, a fantasia representa o refrear do desejo, por outro, é através dela que o sujeito goza, portanto, um gozar que corresponde sempre no campo do Real.

É como observa um arrastar de significantes, um processo metonímico entre alguma coisa que existe e deixa de existir. Ora, isto nada mais representa do que a tentativa de simbolização do Real no campo do Simbólico, como precisa Lacan. Nota-se ainda que o *entre*

o sorrir e o deixar de sorrir, em pormenores, anuncia a própria constituição do sujeito em psicanálise, um sujeito faltoso, de desejo, cindido.

4.1.2 Uma Galinha

Sem delongas, o conto apesar de curto retrata uma reflexão densa, na qual caminha para o ser ou não, galinha. Há, neste momento, implícito, não a galinha enquanto animal, mas a sua implicação em vir-a-ser alguma coisa.

Ver-se, então, a afirmação de Clarice Lispector no trecho "Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. [...] E então parecia tão livre a galinha" (MOSER, 2016, p. 92). Pode-se dizer que a tentativa de fuga da galinha, aliado ao não reconhecimento como tal, representa a angústia da mesma em não ser compreendida enquanto um ser, em ser reduzida a um lugar de dejetos, o que em termos lacanianos, vincula-se a concepção da escolha entre alienar-se ao Outro ou submeter à constituição, a falta, ao tornar-se a ser alguém.

Tais características podem ser visualizadas no trecho posterior a sua tentativa de fuga falha, no qual ao colocar um ovo, o olhar de outrem sobre esta transforma-se integralmente. De animal à um ser. Dessa forma, se de um lado, havia o tratamento diferenciado, de outro, a possibilidade de digerir a carne daquela pobre galinha havia engendrado uma repulsa "Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida! – Eu também! jurou a menina com ardor" (MOSER, 2016, p.93).

Quanto a isso, percebe-se que os percalços do processo de alienação, envolve o sujeito enquanto efeito do discurso do Outro. Na alienação, parte-se de dois binômios: o do ser, referendo-se ao sujeito e o do Outro, pertinente ao sentido. Deste modo, a relevância, nesse caso, está inclinada a escolha imperativa no que diz respeito ao ser e o sentido. (FINK, 1998).

Percebido no trecho

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma (MOSER, 2016, p.92).

A angústia da galinha representa aí uma verdade compartilhada por toda a espécie, visto que a mesma tinha consciência da sua condição de dejetos. Logo, a fuga anuncia a tentativa de afirmação de que a galinha possuía também seu próprio desejo, um querer à liberdade, a ser livre das amarras do discurso do Outro.

Aqui, o campo do sentido diz respeito ao Outro da linguagem que permite o sujeito constitui-se. Nota-se que, o processo de constituição dar-se a partir da ‘escolha’ do sujeito, visto que isto pode ser elucidado por meio de duas vertentes: a primeira, na escolha em relação a se alienar ao desejo do Outro e, a segunda, simbolizada pela separação, onde o sujeito finda por sair de sua condição de objeto e passa a adentrar a ser sujeito faltoso, cindido (LACAN, 1964/1985).

Na separação, o Outro de nada tem de semelhante em relação ao Outro da alienação, deste outro, segundo terminologia lacaniana, o descolamento do lugar de objeto, no qual nascemos, são fundamentais na determinação das diferentes organizações psíquicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se a partir do presente estudo, em especial, quanto ao desenvolvimento da psicanálise e do saber literário que ambos apesar de discursos isolados contribuem para uma maior compreensão do sujeito. Notou-se ainda, como elucida Freud, que a constituição da psicanálise é consolidada de forma mais significativa, devido a influência da literatura, pois, compreende que há campos em que o sabor psicanalítico não consegue tocar, se equiparado com a mesma.

Nesta medida, percebeu-se que ambas apesar de distintas são essenciais no entendimento dos desejos e necessidades dos seres humanos, revelando-se, assim, como sendo formas de visualizar cada sujeito a partir de sua singularidade.

Pensar a relação entre psicanálise e a literatura, é adentrar na perspectiva de apreensão das lacunas expressas em ambos as preleções, a exemplo dos contos. Quanto a estes últimos, foram importantes para a pesquisa à medida que proporcionaram um maior entendimento frente aos processos de formação inconsciente, a saber, desejos, sintoma/verdade, gozo, caracterizado, de tal modo, como modalidades de se colocar frente ao próprio desejo.

Os contos de Clarice Lispector, exprimem isto muito bem, visto que se nota em sua escrita uma tentativa de colocar, ou melhor, de experienciar um ir além da palavra, um mergulhar em si genuíno, um ir em encontro aquilo que mais lhe angustia e que apesar das dores sentidas, consegue retirar desses silêncios, ruídos que penetram a sua carne, e que lhes permitem ainda, saborear uma parte doce de si mesmo. Ora, o que isso representa senão a própria dimensão gozo em Lacan?

A escrita de Lispector à medida que rasga a carne, proporciona ao sujeito uma espécie de prazer parcial que a permite ir além da palavra, além do discurso de um Outro, a exceder a cultura, almejando a compreensão da sua própria verdade, do seu próprio desejo. É uma escrita

que toca o Real, que favorece uma experiência do despertar de sentido, isto é, o traumático que não cessa de se escrever.

Logo, o presente estudo buscou contribuir para o desenvolvimento em pesquisa em psicanálise, na intenção de ampliar e elucidar novas formas de entendimento diante do próprio desejo inconsciente.

Assim, como colaborou para um acréscimo no que diz respeito ao conhecimento do pesquisador, visto que, conseqüentemente, afeta o social à medida que os saberes aprendidos tanto da psicanálise como da literatura servem de auxílio na prática clínica, dando-lhe, dessa forma, subsídios mais fundamentados.

REFERÊNCIAS

AIRES, Sueli; TROCOLI, Flávia. Literatura e Psicanálise: de uma relação que não fosse aplicação. **Revista Terceira Margem**, v. 16, n. 26, p. 11-17, 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10782/7951>>. Acesso em: 20/10/2018.

BARBOSA, C. M. T. M. **O conceito de infantil na psicanálise e sua relação com a clínica de Lacan**. Campo Grande, Paraíba: Universidade Católica Dom Bosco, 2003. [Dissertação de mestrado]

CAPANEMA, C. A.; VORCANO, A. M. R. A condição do ser falante no nó borromeano. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p.388-405, maio/ago, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v22n2/a11v22n2.pdf>>. Acesso em: 28/11/2018.

CLAVURIER, Vincent. Real, simbólico, imaginário: da referência ao nó. **Estudos de Psicanálise**, n. 39, p. 125-136, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n39/n39a15.pdf>>. Acesso em: 10/10/2018

DOR, Joël. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Trad. Jorge Bastos e André Telles. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

FERREIRA, Teresa Cristina Montero. **Eu Sou Uma Pergunta: Uma Biografia de Clarice Lispector**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FINK, B. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. trad. Maria de Sette Câmara; consultoria Mirian Aparecida Nogueira Lima. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em Psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, 39(70), jun, p. 257-278, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017>. Acesso em: 10/09/2018

FREUD, Sigmund (1908 [1907]). Escritores criativos e devaneio. In: **Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1900). A interpretação dos sonhos. vol. 4. In: **Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- _____. (1923). O Ego e o Id. In: **Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 11-83.
- _____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 83-119.
- _____. (1919). O estranho. In: Freud, S. In: **Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. História de uma neurose infantil. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 233-270.
- GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 24^a. ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009.
- GODOY, H. Escrita, uma escrita além das palavras. In: BELISÁRIO, M. A. B.; MYSSIOR, S. G.; BRASIL, V. S (Org). **Transfinitos: colóquio, a escrita em psicanálise**. vol. 1. Belo Horizonte: Autêntica; Aleph, 2007. p.145-149.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5^a. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- JORGE, C. M. A.; FERREIRA, N. P. **Freud criador da psicanálise**. 3^a. ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2010.
- JORGE, C. M. A. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. 5^a. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- KARLEN, H. T. Resistência e escrita. In: BELISÁRIO, M. A. B.; MYSSIOR, S. G.; BRASIL, V. S (Org). **Transfinitos: colóquio, a escrita em psicanálise**. vol. 1. Belo Horizonte: Autêntica; Aleph, 2007. p.103-108.
- LACET, C. Considerações sobre a letra e a escrita na clínica Psicanalítica. **Estilos da clínica**, São Paulo, v. 7, n. 14, p. 50-59, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/61168>>. Acesso em: 06/10/2018.
- LACAN, Jacques. (1949). O Estádio do Espelho como formador da função do eu – tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1998. p.96-103.
- _____. Ideal do eu e eu ideal. In: _____. O seminário, livro 1: **os escritos técnicos de Freud** (1953- 1954). 3. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p. 152-167.
- _____. (1964). **O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 5^a.ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7^a. ed. 7^a. reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.
- LUDWIG, A. C. W. **Fundamentos e prática de metodologia científica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

MANDIL, R. Para que serve a escrita?. In: ALMEIDA, Maria Inês de (org). **Para que serve a escrita?**. São Paulo: Educ, 1997. p.102-117.

MILNER, Jean-Claude. **A obra clara**: Lacan, a ciência, a filosofia. Tradução: Procópio Abreu. Revisão técnica: Marco Antonio Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1996.

MILLER, Jascques-Alain. Do amor à morte. **Opção Lacaniana online**, Ano 1, n. 2, Julho, 2010. Disponível em:
<http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/do_amor_a_morte.pdf>. Acesso em: 10/11/2018

MOSER, Benjamin (org). **Clarice Lispector**: Todos os Contos. 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2016. [recurso eletrônico]. Disponível em: <
<file:///C:/Users/Ewerton/Documents/tcc/Todos%20os%20contos%20-%20Clarice%20Lispector.pdf>>. Acesso em: 16/09/2018.

OLIVEIRA, J. M. R. Catarse e Letra. In: MAIA, E. A; PAULA, R. C.; PEREIRA, V. P (Org). **Transfinitos**: percurso da letra. Belo Horizonte: Autêntica; Aleph, 2005. p.63-67.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998.

RINALDI, D. Joyce e Lacan: algumas notas sobre escrita e psicanálise. **Revista de Psicanálise**, São Paulo, p. 74-81, 2006. Disponível em: <
http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/188_06.pdf>. Acesso em: 06/10/2018

SANTOS, W. S. Psicanálise e Semiótica: uma possível interlocução?. **Acta Semiótica et Linguística**, v. 14, n. 2, 2009. Disponível em:
<www.periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/download/14639/8290>. Acesso em: 28/11/2018.

SARTORE, A. R. Escrita e angústia. **Proceedings online** , São Paulo, v.6, n.1, p. 15-25, 2006. Disponível em: <
http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032006000100019&script=sci_arttext>. Acesso em: 06/10/2018

_____. Escrita e angústia: investigação, sob perspectiva psicanalítica, do impedimento de escritura como fenômeno da ordem do sujeito do inconsciente. 2007. 230 p. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2007. Disponível em: <
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-19042007-160656/pt-br.php>>. Acesso em: 28/11/2018.

SILVA, M. C. P. A escrita como fonte de prazer: relato de uma experiência. **Jornal de Psicanálise**, v.50, n.92, p. 55-62, 2017. Disponível em: <
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v50n92/v50n92a04.pdf>>. Acesso em: 05/11/2018

VILLARI, Rafael Andrés. Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 2-7, junho, 2000. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10/10/2018.